

Semeando ideias: juventude e teatro em um assentamento cearense

**Alexandre Barbalho
Camila Garcia**

Semeando ideias: juventude e teatro em um assentamento cearense

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como jovens do assentamento Maceió, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e localizado no litoral oeste do Ceará, constitui suas relações de pertencimento, bem como suas identidades, por meio do grupo de teatro Sementes da Arte. Partindo do pressuposto de que tal atividade cultural funciona como geradora de práticas sociais, identitárias e políticas juvenis, procuramos compreender como o teatro atua como mediador da relação campo e cidade. Para tanto, recorreremos, além da pesquisa bibliográfica, à pesquisa de campo, com elaboração de diário, entrevistas com lideranças locais e grupo focal com os 12 jovens participantes do referido grupo teatral.

Palavras-chave: Juventude. Teatro. Assentamento. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Sowing ideas: youth and theater in a settlement from Ceará

Abstract: The purpose of this article is to analyze how young of Maceió settlement, linked to the Landless Workers' Movement (MST) and located on the west coast of Ceará, constitute their belonging relations as well as their identities, through the theater group Seeds of Art. Assuming that such cultural activity works as a generator of social, identity and youth policy practice, we try to understand how theater acts as a mediator of the relationship between field and city. Therefore, we use, in addition to literature research, the field research, with development of diary, interviews with local leaders and focus groups with 12 young participants of that theater group.

Keywords: Youth. Theater. Settlement. Landless Workers' Movement



Esta obra foi licenciada sob uma Licença Creative Commons - Atribuição 3.0 Não Adaptada.

O entendimento da juventude como um *constructo* social, de acordo com ampla literatura (BARBALHO, 2013; BOURDIEU, 1983; GROppo, 2000; MARGULLIS, 2000), coloca ao pesquisador a necessidade de percebê-la em sua pluralidade, tanto em perspectiva diacrônica, quanto sincrônica. Assim, para qualquer que seja o recorte feito sobre essa parcela da sociedade, é preciso entendê-la na sua relação com as clivagens de gênero, étnicas, de classe, regionais, etc.

A contextualização de um agrupamento juvenil impõe perguntas sobre suas formas de sociabilidade, de expressão cultural e política, de entender e sentir-se no mundo. Rossana Cruz (2006) fala de um jogo entre o exterior e o interior nas práticas juvenis, pois estas atuam em relação aos outros (externos) como meios de proteção e segurança. Já internamente, funcionam como espaços de pertencimento e delimitação identitária, com os quais os jovens podem constituir um sentido comum.

A questão que se coloca, entre outras, é como se dá essa tensão entre o dentro e o fora? Tal pergunta torna-se ainda mais pertinente quando o pesquisador se depara com um grupo de jovens moradores da zona rural, no qual a oposição campo-cidade ainda funciona como forte elemento de identificação sócio-cultural. Esse contexto de demarcação parece se reforçar quando o referido grupo faz parte de ou está associado a uma organização como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que se institui, historicamente, a partir de determinados balizadores simbólicos pressupostos na expressão “Sem Terra”.

O objetivo deste artigo é analisar como jovens do assentamento Maceió, localizado no litoral oeste do Ceará, constitui suas relações de pertencimento, bem como suas identidades. Para tanto, privilegiaremos o grupo de teatro Sementes da Arte, formado por 12 alunos e ex-alunos da Escola Nazaré Flor (escola de ensino médio orientada pedagogicamente pelo MST situada no assentamento), partindo do pressuposto de que tal atividade cultural funciona como geradora de práticas sociais, identitárias e políticas juvenis.

A escolha se justifica tanto pelo lugar de destaque que a escola ocupa na lógica do assentamento (CASTELO BRANCO, 2003), quanto pelo desempenho do teatro como uma das expressões artísticas mais atuantes no MST (SANTOS, 2009). Partimos do grupo para pensar algumas das experiências dessa juventude, das suas diversas mediações vivenciadas cotidianamente - entendendo por mediação o processo de apropriação do mundo cultural e das negociações feitas pelos sujeitos em sociedade, negociações que percorrem caminhos conflituosos e invisíveis (WILLIAMS, 1992).

Como observa Martín Barbero (2009), o conjunto de mediações que fazem o arcabouço cultural dos grupos sociais é formado por aspectos estruturais (classe social, experiências, conhecimentos, família, etc); institucionais (escola, igreja, política, etc); conjunturais (modo de ver a vida, acervo cultural, etc) e tecnológicos (televisão, rádio, cinema, etc.). Tentamos, portanto, observar como alguns desses aspectos atuam no imaginário dos jovens do Maceió.

Para tanto, recorreremos, além da pesquisa bibliográfica, à pesquisa de campo, com elaboração de diário, entrevistas com lideranças locais e grupo focal com os 12 jovens participantes do referido grupo teatral. As informações levantadas fazem parte de registros feitos no Encontro de Jovens do MST no Ceará, em julho de 2013; em ação de derrubada de cercas no assentamento Sabiaguaba (vizinho ao Maceió), em setembro de

2013; em grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013; e no Encontro de Jovens da Zona Costeira, em janeiro de 2014¹.

Em um primeiro momento, é feita uma discussão sobre juventude rural e, especificamente, sobre “jovem Sem-Terra”. Em seguida, situa-se a história do assentamento Maceió para, por fim, abordar as práticas juvenis mediadas pelo grupo de teatro.

1. A juventude rural em fronteira

A despeito das linhas de ligação entre o campo e a cidade, em especial após a conversão da propriedade rural, na lógica do agronegócio, em uma empresa produtora de *commodities* para o mercado global, recorrendo a tecnologias de ponta e a relações de trabalho que transformam o camponês em assalariado (COSTA SILVA, 2014; CRUZ, 2008; ELIAS, 2012; SAQUET, 2007)², não é possível descartar o papel que tais parâmetros territoriais continuam a desempenhar como instrumentos de identificação social.

Tal afirmação não implica desconhecer, como já observava Jacques Guigou nos anos 1960, a necessidade de se desvencilhar dos lugares-comuns sobre o isolamento do rural frente à sociedade global e de se estar atento à abertura dos jovens do campo para contextos nacionais e internacionais. Esta abertura decorre, em grande parte, da introdução dos meios de comunicação de massa que “transformam profundamente o conteúdo das relações inter-humanas, propõem novos *patterns* culturais que entram em conflito com os velhos sistemas de comunicação e de conhecimento” (GUIGOU, 1968, p. 76).

Contudo, essa é a nossa hipótese, tal situação de fronteira, bem definida por aquilo que Homi Bhabha (1998) denomina de “entre-lugar”, propícia à constituição de uma *doxa* liminar (BARBALHO, 2008; MIGNOLO, 2003), fica ainda mais tensionada quando os jovens participam de movimentos sociais que além de reivindicarem a posse da terra, defendem um *ethos* rural, definido por sua tradição e autenticidade, como é o caso do MST (BARBALHO, 2012; BOGO, 2000; 2010).

Iria Gomes, em sua pesquisa sobre a produção de subjetividade nas lutas pela terra na região sudoeste do Paraná, observa como a organização do Movimento e o aprendizado possibilitado pela luta política compõem o processo de construção simbólica da identidade coletiva, a partir de elementos comuns sintetizados pela autora no trinômio luta/organização/conquista. Contudo, esta identidade é composta por subjetividades heterogênicas que desestabilizam qualquer fixação de uma essência do “ser Sem Terra”. Todos aqueles que participam do processo de construção do assentamento trazem suas “maneiras éticas e estéticas” que dão “o tom da

¹ As informações foram colhidas por Camila Garcia Coelho no âmbito de seu projeto de mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Ceará, intitulado “A construção da identidade do jovem no Assentamento Maceió, em Itapipoca, Ceará, na trajetória de luta pelo território” e integrado à pesquisa “Colocar as coisas em outra ordem: A produção simbólica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, coordenada pelo professor Alexandre Barbalho.

² Estamos vivendo, segundo Elias (2002), a terceira fase de modernização do campo brasileiro, iniciada na década de 1970, com o processo de integração de capitais industriais, bancários, sociedades anônimas e a financeirização por meio de aglomerados transnacionais, além da utilização das biotecnologias para aumentar a produtividade de lavouras e animais.

heterogeneidade, da diferença, da possibilidade de construção de subjetividades singulares” (GOMES, 2001, p. 119). Pesquisando em dois assentamentos paranaenses, o Vitória e o Sávio-Dois Vizinhos, Gomes defende que esse tipo de espaço é a possibilidade de construção de experiências singulares, onde cada um não é a repetição idêntica de experiências anteriores, mas uma repetição com diferenças³.

Maria Teresa Castelo Branco (2003), por sua vez, pesquisou sobre a formação identitária dos “jovens Sem Terra” no assentamento Iracema em São Paulo. Como observou, ser um assentado não é só uma forma de auto-reconhecimento, mas também de identificação por parte das comunidades no entorno da fazenda. Tanto para os assentados, quanto para as pessoas de fora, os primeiros são os “Sem Terra”. O assentamento não é apenas um lugar físico, mas também simbólico, resultado da luta pela reforma agrária que atribui a identidade social de seus moradores. É nesse espaço que impõe marcas tanto positivas (a de pessoas lutadoras que conquistaram sua terra), quanto negativas (a de vagabundos, desordeiros), espaço “movediço”, que ao mesmo tempo qualifica e desqualifica seus moradores, que os jovens têm que negociar seu valores e práticas.

No diálogo com seus sujeitos de pesquisa, Castelo Branco percebe como entre eles há alguns que têm vergonha de “ser Sem Terra”, que escondem de onde são, posto que o sentido da luta e da conquista cultivado por seus pais não tem o mesmo peso na constituição de suas subjetividades. Há uma relação dúbia entre seguir com a vida no campo ou sair dele, voltar para a cidade, onde, inclusive, todos nasceram. E nesse processo de subjetivação, a televisão, vista como “de fora”, surge como um dos principais vetores de criação de estigmas negativos aos assentados. Como conclui Gabriel, um dos jovens assentados e sujeitos da pesquisa, em relação a um amigo: “Acho que você tem vergonha não é porque você tá lá lutando, é porque a televisão transmite o que é os Sem Terra” (apud CASTELO BRANCO, 2003, p. 51).

Há, portanto, uma constante referência aos universos urbanos e rurais, tanto em seus aspectos negativos, quanto positivos, na constituição das identidades dos jovens assentados. Os jovens da fazenda Ipanema “estão no mundo e dentro da comunidade, simultaneamente, porque a comunidade faz parte do mundo”. Há os jovens “de fora” com os quais “se assemelham e dos quais se diferenciam” e que fazem parte de um “mundo heterogêneo e hierarquizado” no qual os “de dentro” são “incluídos de forma excludente” (CASTELO BRANCO, 2003, p. 66). Tendo como pano de fundo essa tensão entre o “dentro” e o “fora”, é que se coloca as peculiaridades de ser jovem no assentamento Maceió.

2. Assentamento Maceió: território e cultura

O assentamento Maceió foi criado em 1986 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a partir de terras desapropriadas da família Jereissati, reconhecida por sua participação na política cearense. Localizado no

³ Jáder Leite (2008) chegou a conclusões próximas das de Gomes em sua pesquisa sobre as políticas de amizade e produção de subjetividade com estudantes e militantes do MST. O que o pesquisador constatou foi uma “oscilação” entre incorporar a “identidade Sem Terra” por meio das estratégias de formação política da militância e produzir linhas de fuga a essa disciplinarização, à medida que outras demandas e desejos, vindos “de fora”, se colocam aos Sem Terra e, portanto, ao próprio Movimento.

município de Itapipoca, litoral oeste do estado, dista aproximadamente 170 Km de Fortaleza.

A trajetória de organização do assentamento Maceió é exemplo de resistência frente aos processos de especulação imobiliária e estruturação do agronegócio. Há toda uma construção de territorialidades que estabelece relações com o ambiente e o espaço físico, a partir dos sujeitos que disputam e dos que se aliam no território do Maceió. São relações que perpassam os campos econômico, político e cultural, produzindo identificações e pertencimento, pois, como afirma Raffestin, “toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma ‘produção territorial’ que faz intervir tessituras, nós e redes” (RAFFESTIN, 1993, p. 150).

A formação do assentamento se deu a partir da organização de famílias que sempre moraram na região e pagavam renda ou eram exploradas por proprietários de terra. Viviam da pesca no mar e nas lagoas de água doce, além da plantação de roçados (principalmente mandioca) e criação de pequenos animais, atividades ainda muito fortes atualmente no local. Hoje, além das atividades do extrativismo e da agricultura familiar, observamos a presença de pequenos comércios e de moradores que trabalham na cidade mais próxima, Itapipoca, e em fazendas vizinhas.

Até a criação do assentamento, muitos episódios de violência e ameaça são relatados pelos moradores mais antigos. Foram casas incendiadas, famílias expulsas e muitos apanharam de jagunços (RODRIGUES, 1995). Foi também um tempo de forte atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e das pastorais sociais da Igreja Católica. Fenômeno que não é local, mas presente em todo o Brasil, posto que a maioria dos assentamentos criados na época teve a participação das CEBs em suas mobilizações (MENEZES NETO, 2012). Como narra Dona Graça, assentada no Maceió, os moradores contaram com a ajuda do Padre Albani e da Irmã Maria Alice na sua luta pela terra. Ela lembra que durante as reuniões discutiam passagens da Bíblia, pois, “a gente ia lendo a Bíblia e descobrindo os direitos da gente”⁴.

Inicialmente, pouco mais de 300 famílias foram assentadas nas comunidades de Apiques, Bom Jesus, Mateus, Córrego da Estrada, Barra do Córrego, Coqueiro, Córrego Novo, Humaitá, Lagoa Grande, Maceió, Jacaré e, posteriormente, Bode, todas elas formando o assentamento Maceió (RODRIGUES, 1995). Atualmente, os moradores relatam a presença de mais de 1.000 famílias vivendo em 5.844,72 hectares.

Com a criação do assentamento, o movimento comunitário, formado por agricultores e pescadores, precisou conviver com diferentes institucionalidades que exerceram, e ainda exercem, diversas mediações nas relações sociais estabelecidas no território. A gestão passou a ser realizada pelo INCRA em diálogo com a Associação dos Moradores do Imóvel do Maceió (ASCIMA), estabelecendo novos marcos de relações espaço-poder, institucionalizadas ou não, mas construídas em um espaço delimitado e controlado, no qual se exercem determinados poderes.

Como situa Rogério Haesbaert, o território tem a ver tanto com o poder coercitivo, quanto com o simbólico. Assim, faz-se necessário identificar os vários sujeitos que o constroem, indivíduos, grupos sociais, Estado, empresas, instituições como a Igreja etc, pois “as razões do controle social pelo espaço variam conforme a

⁴Maria das Graças do Nascimento, 65 anos, agricultura. Entrevista concedida em 06/11/2013.

sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo” (HAESBAERT, 2005, p. 6675-6676). Portanto, além dos agricultores, pescadores e membros da Igreja Católica, novos sujeitos passaram a influenciar a cultura local, trazendo para o cotidiano a execução de projetos produtivos e o trato com organizações que desenvolviam assistência técnica à agricultura familiar. Nesse contexto, no território de perpetuação da vida, do trabalho e da cultura, os desafios eram consolidar as atividades extrativistas e agrícolas.

Contudo, na década de 1990, outros elementos externos recolocariam a garantia do território em xeque, pois o governo do Estado passou a investir no turismo como estratégia de desenvolvimento para o litoral do Ceará, atraindo políticas de infraestrutura e investimentos estrangeiros (LIMA, 2002). Nessa época, chega ao assentamento Maceió um empresário português que se apresenta como parceiro da comunidade e manifesta o desejo em adquirir terras nas praias da região. Em 2001, os assentados do Maceió descobrem que o empresário pretende instalar um complexo turístico nas terras da União, na faixa de praia confinante com o assentamento.

Como ocorreu na disputa com a família Jereissati, novamente observamos diferentes compreensões de uso do território, entre responder aos objetivos modernizantes dos empresários e do governo estadual ou continuar sendo o sustento para assentados. Moradores que viveram ou passaram suas vidas ouvindo as histórias da conquista do assentamento estabelecem mais uma vez uma rotina de resistência diante a ameaças e conflitos judiciais. Novamente é preciso estabelecer estratégias e parcerias para garantir o território. Tanto que, em parte como resultado desse novo embate, no início do novo milênio, um grupo da organização comunitária do assentamento se aproxima dos militantes do MST presentes na região dos municípios de Itapipoca, Amontada e Itarema.

Com o apoio do MST, em 2007, aproximadamente 200 pessoas acampam na praia do Maceió como uma nova frente de resistência. A experiência do tempo das CEBs foi somada ao fazer política do Movimento garantindo a permanência dos assentados na faixa de praia. O projeto turístico não se viabilizou, mas os processos judiciais que envolvem a posse do território permanecem.

É importante ressaltar que nos mais de 30 anos do assentamento Maceió na resistência do território, o mundo rural passou por diversas transformações que repercutiram diretamente na formação cultural das novas gerações. A presença de escolas, estradas e "carros de horário"⁵, ainda que precários, são alguns exemplos de transformações que mudaram a relação com o mundo fora do assentamento, como reconhece Dona Graça:

Aqui mudou muita coisa, nós não tínhamos educação, as pessoas ensinavam debaixo dos cajueiros, numa latadinha de palha, e ninguém não tinha estrada, não tinha energia, não tinha casa, as casas eram todas de taipa, não tinha coqueiro, não tinha cajueiro, porque o dono da terra não deixava plantar nem coqueiro, nem cajueiro, nem fazer casa de tijolo, essas três coisas nós não podia fazer⁶.

⁵ Transporte privado, também conhecido como "pau de arara", bastante comum na região que possibilita os moradores deslocarem-se entre comunidades e até Itapipoca.

⁶ Maria das Graças do Nascimento, 65 anos, agricultura. Entrevista concedida em 06/11/2013.

Inseridos num contexto político em que se impõe o agronegócio como modelo para o campo, a juventude local enfrenta muitos desafios para efetivar propostas de trabalho autônomo com acesso a tecnologias, recursos e políticas públicas voltadas às ações comunitárias. Mesmo reconhecendo melhorias na comparação de sua realidade com a de seus pais, os jovens do assentamento demonstram ter receio diante do futuro, pois encontram dificuldades de efetivar o trabalho na agricultura familiar, enfrentam preconceitos quando se assumem camponeses, ou "Sem Terra", e a falta de formação para as atividades produtivas, bem como de lazer e consumo, reconhecidas como próprios das cidades.

Ainda sim, mesmo vivenciando essas mudanças, observamos persistir em parte dos que moram no assentamento a construção de um projeto para viver no campo, no convívio da agricultura, com a pesca, com atividades introduzidas, como no caso do cultivo de algas, e com serviços e pequenos comércios.

3. Sementes da arte: quando o teatro faz mediação

Com a vinculação ao MST, outras iniciativas de organização comunitária são realizadas pelo assentamento, dentre elas a criação da Escola Estadual de Ensino Médio Nazaré Flor. Uma estrutura pública na qual a orientação pedagógica é feita pelo assentamento em parceria com o MST, sobre a proposta de uma educação contextualizada para o campo. Na escola atua o grupo de teatro Sementes da Arte, que reconhecemos como um sujeito organizado e atuante dentro do assentamento, com certa periodicidade de encontros e atividades, e que assume a arte como tarefa dentro da luta social.

O Sementes da Arte existe desde 2012. Em 2013, quando foi feito o grupo focal utilizado nesse artigo, possuía 12 integrantes, dentre eles 8 mulheres e 6 homens, formado por alunos e ex-alunos com 16 à 20 anos, de pelo menos quatro das 12 comunidades do Assentamento e duas vizinhas. Somente três integrantes são filhos e/ou netos de moradores que atuaram fortemente na conquista do assentamento e na resistência contra o especulador português.

O grupo já montou cinco peças, além de participar das místicas no assentamento e atualmente gravar um documentário sobre as lendas do Maceió. Os temas das peças dialogam com a realidade do local, dentre eles o problema das drogas entre a juventude, o impacto dos parques eólicos no território do assentamento e sobre o lucro do agronegócio no Brasil.

Os próprios jovens elaboram os textos de forma coletiva, fazendo pesquisas sobre assuntos que pretendem abordar. O processo de escrita e montagem da peça sobre a energia eólica revela o aprendizado sobre o mundo mediado pelo teatro:

O incrível da nossa peça da eólica é que quando a gente começou ela o nosso assunto era tão, nós levava mais pro lado dinâmico né, a gente não sabia bem sobre aquele assunto, aí quando a gente foi praquele encontro⁷, lá em Fortaleza, nós tivemos novas falas, a gente conheceu melhor...

⁷ Encontro realizado pela ONG Terramar sobre energia eólica com a presença de representantes de comunidades da Zona Costeira Leste e Oeste do Ceará.

É que a gente fez em cima de... foi uma oficina de roda de leituras com os meninos, porque quem criou as falas foi uma turma depois teve uma oficina com Chico Neuzita⁸, sobre as eólicas, a gente assistiu os vídeos da internet, mas a gente não tinha propriedade muito não, a gente só queria discutir...

A gente sabia que era ruim, a gente queria mostrar que era ruim e pronto. Aí nos fomos para o encontro no Terramar, aí a partir de lá mudou a fala de todo mundo...⁹

Assim, percebemos nas manifestações apresentadas pelos jovens do Sementes da Arte, textos das peças, figurinos, cenários e cartazes em ações de rua do MST, a presença de diversos elementos que nos trazem pistas sobre as mediações e negociações feitas por eles para existir e resistir acreditando num processo de transformação social.

Identificamos, de imediato, a relevância da família como espaço primeiro de organização e exercendo forte influência no interesse dos jovens em participar da movimentação social, apesar de que, como foi dito, apenas três jovens serem oriundos de famílias que possuem uma relação orgânica com o histórico de lutas no assentamento.

Nas entrevistas com os moradores mais antigos do Maceió, os jovens sempre aparecem com a missão de continuar resistindo no território. É comum ouvir expressões como "estamos na luta para que nossos filhos tenham onde viver"¹⁰. Para os que estão na luta, portanto, parece pesar sobre sua juventude o desejo que continuem combativos, a promessa do futuro, atores da transformação social (CASTRO, 2009; SALES, 2006). Tal peso de algum modo vai se impondo aos jovens, ainda que de modo diferenciado, como se, sob o território, atuassem diferentes gravidades.

Conversando sobre a organização e participação em movimentos sociais, perguntamos o que os jovens do teatro sabiam sobre o assentamento, o que pensavam do MST e se se sentiam integrantes do Movimento. Quase todos conheciam a história do assentamento por causa de seus pais, mas também alegaram que antes da escola pensavam que o MST era feito por vagabundos e arruaceiros, "assim como mostram na televisão", disse um deles, e que mudaram de opinião ao participar das "lutas do Movimento". Mesmo assim, somente duas jovens da comunidade de Apiques (na faixa de praia do assentamento) afirmaram fazer parte da organização.

Mas, sem dúvida, a escola e seu grupo teatral desempenham um importante papel na mediação desses jovens com o "lado de fora". Uma das jovens afirmou que quando entrou para o Sementes é que de fato se engajou na escola e no Movimento. Foi por meio das atividades teatrais, muitas delas externas ao território do Maceió, que a estudante ampliou seu universo, passou a "conhecer melhor" o mundo. Afinal, afirma, "comecei a sair com o teatro, comecei a conhecer as meninas principalmente que sabiam muito, já tavam dentro há muito tempo, aí eu acabei conversando muito com elas sobre isso, as viagens, né, que dá bastante formação pra gente"¹¹.

Para outro jovem, a participação no grupo de teatro mudou totalmente sua visão "com relação ao Movimento e aos assuntos que eram abordados", pois, como

⁸ Liderança do Maceió.

⁹ Falas retiradas do grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013

¹⁰ Registro em diário de campo.

¹¹ Fala retirada do grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013

confessa, “antes de conhecer o Movimento em si eu tinha um certo preconceito”. “Preconceito” foi também a palavra usada por outro jovem para se referir à sua relação com o MST. Mas depois que conheceu o Movimento, diz, “eu vesti a camisa mesmo, eu valorizo, respeito e tal, sou totalmente a favor, e essa foi a principal mudança e que realmente, é, abriu minha visão para assuntos que eu não tinha o costume de abordar, de parar pra pensar”¹².

Outra jovem entrou para o teatro porque “tinha tudo a ver” com ela que nutria uma “sede por resgate de cultura”. Outra afirma que sempre quis entrar no teatro da escola “porque eu quero conhecer coisas novas (...) Aprender coisas que eu não sei ainda...”¹³.

Somente uma das jovens minimizou o papel da escola e do grupo teatral no seu processo de formação, mas isso porque já tinha um histórico de envolvimento com as lutas de sua comunidade:

Não, pra mim, eu sei lá, num mudou muito, assim, né, porque eu antes de estudar na escola do campo, eu já participava, pelo grupo de jovens do Apiques, eu já participava do movimento, do teatro lá da comunidade, e também já saia pros encontros do MST. Tá com três anos que eu faço parte, né. E assim, na escola, sei lá, eu sempre fui engajada, eu acho que foi... eu continuei¹⁴.

Quando indagados sobre o documentário das lendas do Maceió, os jovens revelaram que o objetivo do filme era tratar “sobre esse negócio da cultura local, das histórias em si, dessas histórias de trancoso e tal, é isso, um pequeno resgate da cultural local”. Na avaliação de um dos jovens, “a cultura é uma coisa que une o povo, que faz com que as pessoas se unam em prol de alguma coisa”. Para outro jovem, cultura seria “as tradições que um povo em si tem, tipo, o exemplo que a gente conhece bem aqui, seriam os reisados, quadrilhas, essas coisas”. Só “resgatando nossas culturas, vamos deixar a alienação de lado”, afirma um terceiro jovem¹⁵.

E quando questionados sobre o que seria a “nossa cultura”, são unânimes em apontar as tradições da comunidade em oposição àquela possibilitada pelas novas tecnologias:

Acho que a cultura é aquilo que nossos pais, avós, faziam...
Exatamente, a nossa cultura é isso. (...) É tipo uma tradição. As tradições dos nossos pais, avós. É tipo antigamente tinha uma cultura de quando chegava à noite o pessoal ia pra casa dos avós, dos mais velhos, ouvir um momento de história, coisa que hoje não existe mais, porque o pessoal se liga na televisão, no computador, no celular, e esquece isso.

4. Conclusões

¹² Falas retiradas do grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013

¹³ Falas retiradas do grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013

¹⁴ Fala retirada do grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013

¹⁵ Falas retiradas do grupo focal realizado no assentamento Maceió, em 5 de outubro de 2013

A análise de como os jovens do assentamento Maceió constroem seus entendimentos do mundo e, assim, suas identidades por meio do teatro revela a complexidade desse processo. Sustentando a defesa de um “ser Sem Terra”, o MST, contudo, não consegue impor tal construção simbólica sem negociar com diversos mediadores, entre os quais se destacam a família e a escola, a qual se vincula o grupo teatral, e os meios de comunicação.

Nos processos de produção de subjetividades desses jovens intervêm elementos heterogêneos, que podem vir tanto de “fora”, quanto de “dentro” do assentamento. A forma negativa como os militantes Sem Terra são retratados no senso comum, as disputas pela/na terra, o desejo de conhecer novos ambientes para além do Maceió, são indicadores dos vários vetores que cruzam as vidas que se revelam nas falas dos nossos interlocutores.

No entanto, podemos concluir que, pelo menos entre os jovens do Sementes da Arte, o *ethos* de uma “cultura local”, alimentada pela tradição, funciona como importante elemento de identificação individual e comunitária - ainda que, em um aparente paradoxo, seja o grupo teatral que possibilita circular fora do assentamento, conhecer mais o mundo. Resgatar tal cultura se impõe como um ato político, de disputa simbólica com outros referenciais que parecem avançar entre as mais novas gerações, imersas nos fascínios das novas tecnologias, nas apenas as de comunicação, mas também as que aparecem como soluções mágicas de geração de emprego e renda, como é o caso dos empreendimentos de energia eólica.

Referências

- BARBALHO, A. **A criação está no ar: juventudes, política, cultura e comunicação**. Fortaleza: UECE, 2013.
- BARBALHO, A. Movimentos sociais, territórios interculturais e direitos: Pensando a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Movimentos sociais, territórios interculturais e direitos. Cuestiones Universitarias**, v. 2, p. 105-117, 2012.
- BARBALHO, A. Emigrantes/Imigrantes: Trânsitos de cultura entre o sertão cearense e as metrópoles brasileiras. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 6, n. 11 (2008), p. 01-15, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&ath%5B%5D=594&path%5B%5D=428>. Acesso em: 10.dez 2014.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOGO, A. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BOGO, A. **O MST e a cultura**. Caderno de Formação n. 34. São Paulo: ANCA, 2000.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CASTELO BRANCO, M. T. **Jovens sem-terra**. Identidades em movimento. Curitiba: UFPR, 2003.
- CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Manizales**. V. 7, n. 1. Colombia. Enero-Junio de 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131106010832/art.ElisaGuarana.pdf>. Acesso: 20.dez 2013.
- COSTA SILVA, R. G. A regionalização do agronegócio da soja em Rondônia.

- GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 298-312, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84534>. Acesso em 01.dez 2014
- CRUZ, E. F. **Ação política, transformação social e reconstrução de identidades. Um olhar a partir do feminismo para a militância das mulheres rurais nos movimentos sociais**. 2008. 183 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPG em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CRUZ, R. R. **Emergencia de culturas juveniles: Estrategias del desencanto**. Bogotá: Norma, 2006.
- ELIAS, D. Relações campo-cidade, reestruturação urbana e regional do Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 12, 2012, Bogotá. Disponível em: www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/07-D-Elias.pdf. Acesso em: 08 dez. 2014.
- ELIAS, D. Integração competitiva do semi-árido cearense. In. ELIAS, Denise; FURTADO, J. L. F. (Orgs.). **Modernização excludente**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- GOMES, I. **Terra & subjetividade**. A recriação da vida no limite do caos. Curitiba: Criar, 2001.
- GROPPO, L. A. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GUIGOU, J. Problemas de uma sociologia da juventude rural. In: BRITTO, S. De (org.). **Sociologia da juventude** Para uma sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 73-88.
- HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, São Paulo, 2005. *Anais....* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005
- LEITE, J. **A militância em movimento: Amizade e maquinação de modos de existência no MST**. 2008. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PPG em Psicologia Social, Natal, 2008.
- LIMA, M. do C. **Comunidades pesqueiras marítimas no Ceará - Território, costumes e conflitos**. 2002. Tese (Doutorado). Universidade de S. Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas PPG em Geografia, São Paulo, 2002.
- MARGULLIS, M. (ed.). **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- MENEZES NETO, A. J. de. **A ética da teologia da libertação e o espírito do socialismo no MST**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, M. de F. F. **Terra Camponesa como (Re)criação Genealogia do Lugar e da Paisagem**. 1995 Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de S. Paulo, São Paulo, 1995.
- SALES, C. M. V. **Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

SANTOS, A. C. d. **Projeto “Cantos da Mata” e o grupo “Caricultura”**: significados de resistência e autonomia a partir das manifestações artísticas no assentamento Barra do Leme (Pentecoste-CE). 2009. Dissertação. (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.